

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

A pesca do siri na Aldeia de Irajá
IRAJÁ TA'PE SIRI ÎEPORAKABA

Sabrina da Silva Lemos – Ysytatá

Aracruz/ES

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

A pesca do siri na Aldeia de Irajá
IRAJÁ TA'PE SIRI ÎEPORAKABA
Sabrina da Silva Lemos

Memorial poético que acompanha o produto educacional do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao PROLIND como requisito para obtenção do título de Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientadora: Ozirlei Teresa Marcilino

Aracruz/ES

2022

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	04
2. VIDA PESSOAL.....	04
3. PERCURSO ACADÊMICO.....	06
4. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	09
5. O QUE MOTIVOU A SUA PESQUISA?	12
5.1 Problema da pesquisa.....	13
5.2 Objetivos.....	13
5.3 Percurso metodológico.....	13
5.4 O produto educacional.....	14
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
7. CRÉDITOS E AGRADECIMENTOS.....	15
8. BREVE PALAVRA DA ORIENTADORA.....	16

1. APRESENTAÇÃO

Meu nome é Sabrina da Silva Lemos, nascida em 06/11/1991, natural do município de Aracruz Estado do Espírito Santo. Sou filha de Adão Ramos Lemos e Maria Tupinikim da Silva. Ela natural de Aracruz, ele de Vitória.

2. VIDA PESSOAL

Nessa retrospectiva de minha vida, abordarei os fatos mais relevantes relacionados a escolaridade, à trajetória profissional e fatos pessoais.

Atualmente moradora da aldeia Irajá, não me recordo muito de minha infância, eu era de poucos amigos filha de uma família humilde, sou a filha mais nova de setes irmãos, minha mãe doméstica, meu pai não me recordo.

Durante a minha infância foi cuidada pelos meus irmãos mais velhos. Não tenho muita recordação da presença dos meus pais. Minha mãe passava a maior parte do tempo fora de casa trabalhando como doméstica em casas de famílias em Coqueiral bairro vizinho a nossa aldeia. Meu pai não tenho muitas lembranças, só depois de adulta que passei a conhecer mais sobre sua profissão.

Minha mãe nos criou sempre com muita dificuldade, mas nunca nos deixou passar fome. Em época de volta às aulas era sempre mais complicado, pois comprar material para todos os filhos era uma “tortura”, porque faltava recurso financeiro. Lembro que meu irmão e eu, tínhamos vergonha de ir para escola por que nossos materiais eram inferiores aos dos nossos colegas, que riam da situação, talvez por isso na escola sempre fui de poucas amizades. Sempre faltava a escola, não tinha muita animação de estudar.

No final de 2004, com 12 anos, começou um novo ciclo em minha, quando

conheci meu esposo, uma pessoa amável, dedicado e meu incentivador. Nos conhecemos em dezembro, em janeiro de 2005 começamos a se relacionar, ainda sem o consentimento dos meus pais. Foi nesse ano que desisti dos estudos, pois não tinha mais ânimo para estudar. Não foi por conta de namoradinho, como dizem os mais velhos, mas sim por falta de interesse mesmo.

Em junho de 2005 resolvemos falar com minha mãe do nosso namoro, pois era com ela que morava. Mas a maior surpresa ainda estava pra vim. Em outubro desse mesmo ano descobri que estava grávida. Me lembro que foi uma loucura, um desespero, afinal de contas eu só tinha 13 anos. Minha mãe ficou devastada, precisando sair de casa para assimilar toda situação. Meu pai ficou triste, conseguiu assimilar melhor a situação e estava disposto a nos ajudar, mas exigiu o casamento, é claro! Eu não conseguia entender direito quais seriam as consequências de uma gravidez na adolescência. Foi uma mistura de felicidade com incertezas.

Mas, enfim, fomos morar num quarto na casa da minha mãe. E nesse momento começava a construir minha família. Em março de 2006 nasce minha primeira filha, e foi através dela que descobri o que era ser mãe, descobri em mim um sentimento puro e verdadeiro.

Como no hospital São Camilo me disseram que ainda não estava na hora do nascimento, tive que ser encaminhada para o Hospital Dório Silvio (Silva?), na Serra. Na hora do parto tive complicações, minha pressão subiu, causando uma pré-eclâmpsia. Mas no final tudo ocorreu bem, podendo ver minha filha somente no outro dia. Foi nesse instante que minha vida mudou por completo, pois naquele momento não era mais caçulinha da minha mãe. Agora tinha um ser tão pequenininho para cuidar e alimentar. Fiquei uma semana no hospital sozinha cuidando dela, pois infelizmente não podia ficar acompanhante. Num lado foi

bom, pois consegui exercer meu papel de mãe, passei noites em claro com ela chorando, momentos que chorei junto querendo minha mãe, mas sabia que agora eu deveria resolver sozinha, pois não teria minha mãe para me ajudar. Foi uma semana difícil, mais prazerosa e consegui conhecer mais de mim e muito mais do meu lado materno.

3. PERCURSO ACADÊMICO

Em 2003 concluí a 5ª série na escola da aldeia com 11 anos de idade. Em 2004 fui estudar numa escola fora da aldeia, em Aracruz, mas também faltava muito às aulas. Sempre tive muita dificuldade de aprendizado na escola, mas alguns professores me estimulavam a continuar. A vontade de desistir era grande além do pouco incentivo em casa. A minha mãe não tinha muito tempo para se dedicar aos meus estudos, e eu sei que não era por que ela não queria, mas porque tinha que trabalhar para nosso sustento.

O resultado de tudo isso é que cheguei a perder o gosto pelos estudos e, em virtude da ignorância de meus pais, quando eu me recusava a ir para a mesma, restou-me a destruição de uma vida escolar, pois nesse momento já não tinha, mas esperança na minha vida acadêmica.

No ano de 2007 que com incentivo e insistência do meu esposo, voltei para escola da aldeia para finalizar o Ensino Fundamental, também não foi nada fácil, pois agora tinha uma criança que dependia de mim, mas ainda assim estava determinada. Mesmo sentindo muita vergonha por ser a mais velha da turma, encarei com muita determinação, e graças ao professor de matemática que viu meu rendimento escolar, fiz um provão e avancei para o 8º ano.

No ano de 2008, concluí o nono ano! Nossa turma foi a primeira a realizar uma

formatura cultural na aldeia, o que me fez sentir feliz e honrada, concluir mais uma etapa da minha vida. Em 2009 iniciei o ensino médio, e logo em seguida descobri que esperava meu segundo bebê. Mas não desisti de seguir meus planos, fui até o final, meus colegas me ajudaram muito, eles me davam força para não desistir, e meu esposo como sempre me apoiando, ele nunca me deixou desanimar. Foi assim que consegui finalizar o primeiro ano do Ensino Médio.

No ano seguinte com o nascimento do meu filho em fevereiro, não pude retornar para escola, tive que me dedicar exclusivamente aos meus filhos, deixando de lado novamente os estudos. Mas ainda tinha um propósito, meu sonho era fazer uma faculdade!

Foi então que decidi fazer um supletivo para concluir o ensino médio e assim entrar na tão sonhada faculdade. E foi nesse ano que consegui finalizar os estudos e entrar em uma faculdade que era na modalidade a distância. Iniciei na faculdade de Arte Cênica, mas no final do primeiro semestre resolvi mudar para Pedagogia, pois minha irmã me orientou a mudar de curso. Nesse mesmo ano apareceu uma oportunidade de emprego, trabalhar como secretária na AITG- Associação Indígena Tupinikim e Guarani, não era o melhor, mas vi nesse emprego a oportunidade de estar mais perto dos meus filhos e me dedicar aos estudos, pois não teria que trabalhar nos finais de semana e muito menos no feriado. Mas fiquei somente um ano nesse emprego, vi que não foi uma boa escolha, resolvi então me dedicar exclusivamente a minha família e meus estudos.

Em 2018 concluí faculdade de Pedagogia, sendo um momento mais que importante pra mim e meu esposo, pois ele continuava como um grande incentivador, desde do início me apoiou voltar aos estudos. Durante esse período de faculdade, fiz trabalho voluntário na EMEFI escola da aldeia de Caieiras

Velha, participei de projetos de alfabetização, e foi aí que tive a certeza de que era a Pedagogia que eu queria exercer.

Antes de me formar, em 2017 passei no processo seletivo e consegui uma vaga na escola da aldeia de Irajá, onde passei a morar com minha família. Foi um ano lindo, cheio de descoberta e a certeza que estava caminhando para um futuro gratificante. E isso foi graças a Licenciatura Intercultural indígena – PROLIND. A que vou falar agora.

O Prolind, é difícil falar do início sem me emocionar! Tudo começou num dia de muita tristeza para a família do meu esposo, no dia que aconteceu a prova para ingressar no PROLIND, era o dia que a comunidade se despedia da mulher guerreira, dedicada em tudo que fazia, uma grande benzedeira e trabalhadora. Nesse dia dávamos adeus a tia Mariazinha (Dona Maria).

Bom pra mim foi muito difícil, pois já tinha desistido de realizar a prova, pois queria estar do lado do meu esposo e de sua família nesse momento difícil, além do mais tinha uma grande admiração pela aquela guerreira. Mas uma vez meu esposo não me deixou desistir, ele disse que deveria ir, pois ele estava bem, e sua mãe (minha sogra) ia ficar bem, mas ainda assim não queria ir. No meu pensamento não era o certo fazer, não era justo, era desrespeitoso com a minha família. Mas ele me convenceu a ir. Com o choro engasgado na garganta tive que seguir para a prova. Foi um momento difícil, tinha a certeza que não faria uma boa prova, por que a única coisa que queria era retornar para casa. Mas, depois veio a resposta, fui aprovada no PROLIND, foi uma mistura de alegria, tristeza, incertezas, insegurança e gratidão. Ainda não sabia ao certo o que fazer, pois ainda estava cursando a Pedagogia em outra faculdade, e seria uma loucura ter que ingressar em outra, pensei em abrir mão da pedagogia, mais fui impedida, meu esposo me aconselhou a continuar, pois perderia o que já tinha alcançado. Então optei em ficar cursando as duas faculdades. Não foi uma

decisão fácil, mais foi o mais certo a se fazer. Minha vida dava um novo recomeço.

Hoje no ano de 2022, ainda estou cursando o PROLIND, foram muitos os desafios, mas estamos chegando na reta final. Várias vezes tive vontade de desistir, mas a única coisa que vinha a cabeça: não posso desistir, outras pessoas também queiram estar cursando esse tão sonhado e aguardado curso. Da minha aldeia sou a única a cursar o Prolind, por isso quero chegar até o final, não espero nada além do meu diploma de conclusão de curso. Eu tenho algumas pessoas a agradecer, pessoas que me apoiaram e me ajudaram e ainda estão ao meu lado me apoiando.

4. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Em 2011, resolvi então trabalhar, queria ter a minha independência e ajudar meu esposo. Foi então que comecei a trabalhar como balconista, sendo em seguida renomeada a recepcionista de padaria, era loucura aquele lugar, deixava meus filhos na creche às 12:00 corria para chegar no trabalho às 13:00 e saía às 20:00 horas. Tinha apenas uma folga por semana, no começo foi difícil porque ainda amamentava, e minha filha ainda pequena. Minha mãe me ajudou muito e minha irmã mais velha também ajudava minha mãe com as crianças e nas folgas do meu esposo era com ele que as crianças ficavam. Cresci muito na empresa, meus patrões viam em mim determinação e coragem, foi então que em 2012 passei a exercer a função de operadora de caixa. Pra mim foi gratificante poder crescer na empresa.

Mas não parou por aí. Em 2013 fui promovida novamente, desta vez como supervisora de loja, fato importante para mim, pois estava crescendo profissionalmente. Também em 2013 apareceu uma oportunidade de emprego,

trabalhar como secretária na AITG-Associação Indígena Tupinikim e Guarani, não era o melhor, mas vi nesse emprego a oportunidade de estar mais perto dos meus filhos e me dedicar aos estudos, pois não teria que trabalhar nos finais de semana e muito menos no feriado. Mas fiquei somente um ano nesse emprego, vi que não foi uma boa escolha, resolvi então me dedicar exclusivamente a minha família e meus estudos.

Antes de me formar, em 2017 passei no processo seletivo e consegui uma vaga na escola da aldeia de Irajá, onde passei a morar com minha família. Foi um ano lindo, cheio de descoberta e a certeza que estava caminhando para um futuro gratificante. E isso foi graças a Licenciatura Intercultural indígena – PROLIND.

Em 2018 concluí a faculdade de Pedagogia, sendo um momento mais que importante pra mim e meu esposo, pois ele continuava como um grande incentivador, desde do início me apoiou voltar aos estudos. Durante esse período de faculdade, fiz trabalho voluntário na EMEFI escola da aldeia de Caieiras Velha, participei de projetos de alfabetização, e foi aí que tive a certeza de que era a Pedagogia que eu queria exercer.

2019 seria um ano diferente pra mim na área profissional, foi justamente no ano que mudei de área de ensino. Devido a pouca demanda de alunos na escola da minha aldeia, surgiu a proposta de trabalhar em outra aldeia com as disciplinas de múltiplas linguagens, Arte e Educação Física da Educação Infantil ao 5º ano, e como a carga horaria era pequena tive que assumir aulas em duas escolas: EMPI IRAJÁ e EMPI PAU BRASIL. Nossa, foi um começo de gestação muito difícil, chorava muito, estava desmotivada, uma única certeza que tinha era que seria um ano difícil, pois estava preocupada com minha saúde, por que as outras duas gestações tive problemas com pressão arterial. Então logo pensei que não poderia trabalhar, pensei, mas uma vez em desistir, mas não podia, porque além do contrato ser prorrogado estava gestante, então não podia ser mandada

embora. Algumas pessoas surgiram no meu caminho para me ajudar a refletir sobre meu trabalho, e me deram muito apoio, e foi aí que decidi continuar. E ao contrário do que esperava, foi um ano tranquilo com uma gestação também tranquila, fui bem recebida na nova escola, fiz novas amizades, novos colegas de trabalho. Confesso que chorava muito no trajeto da minha casa a escola, e isso durante os primeiros meses de gestação, mas aos poucos fui me acostumando a nova rotina. Foi uma experiência enriquecedora. No final de julho me afastei da escola para aguardar o nascimento da minha filha. Ela nasceu no início de agosto, e graças a Deus foi tudo muito tranquilo, ela chegou saudável, veio para completar a família e me fazer reconhecer que sou capaz, e que mudanças fazem parte da nossa vida.

Desde então leciono nessa área de múltiplas linguagens, Arte e Educação Física, no ano de 2020 devido a pandemia do COVID-19, e o fechamento das escolas, trabalhei em casa. Foi difícil, devido a disciplina exigir muito dos pais, tanto que tive pouco retorno das atividades enviadas. Eu preferia estar em sala de aula com meus alunos, mas infelizmente não era possível.

Em 2021 continuei trabalhando de casa, mas dessa vez com uma escola a mais. Recebi uma proposta de trabalho que foi trabalhar com as mesmas disciplinas, porém no Ensino Fundamental II, numa outra aldeia, da etnia guarani. Uma outra realidade, mas aceitei o desafio, até por que ainda estávamos em ensino remoto. Em maio de 2021, iniciamos com o ensino híbrido nas escolas das aldeias e tivemos que retornar para escola, com os alunos de forma escalonada. Era difícil trabalhar com as disciplinas devido ao protocolo sanitário, tive muitas dificuldades em adaptar minhas aulas ao novo normal. Foi então que no final do segundo trimestre, surgiu um novo desafio, sendo convocada para assumir uma turma multisseriada, na EMPI IRAJÁ, na aldeia onde moro. Foi difícil abrir mão das minhas turmas, das minhas crianças, mas enfim não tive muitas escolhas, afinal era uma oportunidade de voltar a trabalhar somente na minha aldeia, agora

como alfabetizadora.

Como sempre muitos desafios, o objetivo final era alfabetizar essas crianças até o final do semestre. Mas como faria isso, nunca lecionei como alfabetizadora em uma turma multisseriada, 1º, 2º e 3º ano numa mesma sala. Como disse não foi fácil, cheguei a pedir pra sair, pois não vi muito resultado dos alunos, me cobrava muito a perfeição. Mas minha pedagoga me fez olhar um outro lado, então consegui chegar até o final do trimestre, não com 100% dos alunos alfabetizados, mas com alguns consegui chegar ao objetivo. Isso pra mim foi gratificante, foi enriquecedor.

Desde então leciono nessa área de Arte e Educação Física, nas Aldeias Irajá, Caieiras Velha e Três Palmeiras, da educação infantil até o 9º (nono ano) do ensino fundamental II.

5. O QUE MOTIVOU A SUA PESQUISA?

O tema que escolhi é muito importante pra mim e para o povo Tupinikim da Aldeia Irajá, pois sei que vou poder registrar o conhecimento que extrapolam e trás as memórias fortalecedoras da cultura Tupinikim de Irajá uma prática cultural, que tem pouca visibilidade na minha comunidade. Estou pesquisando sobre “A prática da pesca do siri na aldeia indígena tupinikim de irajá”.

O trabalho é uma pesquisa que tem por interesse conhecer as experiências vividas por pescadores, marisqueiros e seus familiares na comunidade indígena da aldeia Irajá, problematizando: Como a pesca do siri foi introduzida na cultura e na vida dos moradores da aldeia de Irajá? Na expectativa de identificar a origem da cultura da pesca do siri na vida dos moradores da aldeia de Irajá, nossos objetivos específicos são: descrever a pesca e o manejo do siri como

meio de sustentabilidade de famílias na Aldeia de Irajá; analisar a importância do Rio Piraquê-açu para famílias da aldeia de Irajá e compartilhar as memórias dos mais velhos em relação à cultura do siri.

5.1 Problema da pesquisa

Como a pesca do siri ocorre na cultura e na vida dos moradores da aldeia de Irajá?

5.2 Objetivos

- Descrever a pesca e o manejo do siri como meio de sustentabilidade de famílias na Aldeia de Irajá;
- Analisar a importância do Rio Piraquê-açu para famílias da aldeia de Irajá;
- Compartilhar as memórias dos mais velhos em relação à cultura do siri;

5.3 Percurso metodológico

Para responder nossa pergunta problema e nossos objetivos, os dados foram obtidos por meio de entrevistas com os pescadores, visando o levantamento de informações que respondam aos critérios selecionados para qualificar a pesca do siri. As entrevistas seguiram um roteiro preestabelecido por meio de questões elaboradas por nós e outras que surgiram no momento da conversa. As entrevistas foram registradas através de gravações em áudio e vídeo, com a autorização dos entrevistados além de fotografias e desenhos.

5.4 O produto educacional

Toda a pesquisa será apresentada na forma de um vídeo produzido por mim com a colaboração de outras pessoas que entenderam a importância desse registro para a história da nossa cultura.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa me mostrou o quanto, em um primeiro momento, a pesca do siri é importante para as famílias que praticam essa pesca. Como se o trabalho na pesca e o envolvimento com o meio de onde retiram seu sustento marcassem as pessoas na imaginação, no corpo e nas apropriações e usos dos espaços. Ser “pescador de siri” é algo que implica, antes de tudo, em uma relação do pescador com o próprio instrumento de trabalho. Cujo uso correto, o pescador irá aprender durante a prática continuada.

A pesca do siri entrou no meu imaginário, e talvez durante um bom tempo esteja presente. Foi impossível não existir alguma empatia e daí um envolvimento de caráter imparcial. Quando se conhece pessoas é difícil não pensar que (mesmo com todas as diferenças, em uma sociedade individualista) se nos esforçarmos minimamente para compreender seus sentimentos, o que fica evidente é que a única diferença entre um pesquisador e alguém que está sendo seu interlocutor é o lugar que esses se encontram nessa relação.

Esse trabalho sobre pesca do siri, pode se pensar em desdobramentos futuros a partir dessa pesquisa. Podendo a análise ter maior alcance no campo da pesca, ampliando as discussões sobre o tema. A abordagem econômica feita sobre a pesca pode ser mais bem explorada em diálogo, propondo novas interpretações com um olhar mais amadurecido. Uma pesquisa sobre a pesca com uma abordagem que leve em consideração aspectos da economia pode ser

relevante para que se pense sobre as relações estabelecidas entre modos tradicionais e não tradicionais na constituição do saber-fazer pesqueiro. Acredito que em uma sociedade aonde as relações de trabalho vêm sofrendo alterações, muitas formas tradicionais de trabalho foram e continuaram se adaptando às condições impostas para que sobrevivam, de forma mínima, ou, até mesmo, com maior êxito.

Os saberes tradicionais adquiridos de geração em geração nos espaços de vida desta família devem ser trabalhados na escola, como também o respeito ao trabalho na comunidade pesqueiras precisa ser reconhecido, tais questões deverão fazer parte do currículo da escola objetivando a valorização do trabalho pesqueiro, tendo conseqüentemente a permanência do homem na sociedade.

Hoje, tenho 30 anos e me preocupo em deixar para os meus filhos os saberes tradicionais da nossa cultura ocorrida dentro do âmbito familiar, pois a pesca do siri faz parte da história da nossa família e estes saberes devem ser transmitidos para as gerações futuras.

7 CRÉDITOS E AGRADECIMENTOS

Mas uma vez agradeço por todos quantos tem me ajudado nesta jornada, pois eu só tive a ganhar. Foram tantas as mudanças neste espaço de tempo que, eu só tenho a agradecer pelos responsáveis e apoiadores em minhas conquistas. agradeço aos moradores que entrevistei Senhor Pedro Nunes Vicente, Aleida Loureiro Vicente e Valdir Loureiro Vicente, que confiaram em falar sobre seu cotidiano e suas práticas com a pesca.

Agradeço à minha orientadora: seu apoio, orientação e ideias fizeram desta uma experiência inspiradora para mim. Também gostaria de agradecer à minha

família por me apoiar durante todo o período de estudo até a finalização desse trabalho.

8 BREVE PALAVRA DA ORIENTADORA

Neste memorial, Sabrina da Silva Lemos, da Aldeia Indígena Tupinikim Irajá, conta um pouco da sua trajetória até se tornar professora na escola e sua motivação para a escolha da temática deste produto educacional.

Com o título “Pesa do siri na aldeã Irajá”, Sabrina desenvolveu um vídeo como parte da pesquisa para conclusão do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (PROLIND) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) na habilitação em Ciências da Natureza e Matemática. Orientar o desenvolvimento deste trabalho foi um importante desafio que envolve memórias, culturas e experiências com e sobre a cultura da pesca do siri e tudo que envolve essa prática tradicional. O produto educacional foi realizado no formato digital, e sendo assim, elaboramos um encarte com CD e Pendrive para que possa ser de fácil acesso das escolas e de quem mais se interessar. O material produzido também foi colocada na plataforma do Youtube

O desejo de seguir os estudos, ser professora e apresentar a cultura tupinikim contribuiu para que a sua proposta de um produto educacional, neste caso, um vídeo, pudesse mostrar o trabalho dos marisqueiros da sua aldeia e a própria cultura não desapareça. O desejo de Sabrina desde o primeiro momento de registrar o modo de fazer a pesca e o manejo do siri tornou seu material expressivo e potente!

Neste trabalho, revelam-se modos próprios da cultura da pesca e tudo o que envolve e significa para as famílias envolvidas. A aproximação e identificação

com a pesquisa despertou em Sabrina uma pesquisadora tupinikim dedicada, responsável e ética, com o registro e divulgação dos conhecimentos sobre seu povo, valorizando a sua inserção na rede de pesquisadores indígenas.

A produção deste trabalho aconteceu durante o período da pandemia COVID-19 restringindo outras possibilidades de pesquisa e de produção, devido à obrigatoriedade de isolamento e distanciamento social. Assim, ao apresentar sua própria trajetória como estudante e professora tupinikim, expondo os desafios e as dificuldades encontradas, Sabrina demonstra sua capacidade de superação e de força em “resistir para existir”!

Na complexa tarefa de orientar uma pesquisa desenvolvida por uma professora e estudante tupinikim sobre os modos que se apresentam a cultura da pesca, todo o meu respeito e gratidão pelo tempo de diálogo, leituras, aprendizado e, acima de tudo, formação pessoal como pesquisadora não indígena com uma professora indígena em território indígena.

Nosso agradecimento especial a todo povo tupinikim pelos ensinamentos nessa trajetória e por compartilhar experiências únicas de construção de conhecimento e humanidade; a Universidade Federal do Espírito Santo, que por meio do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, ter nos possibilitado o aprendizado de outras formas de educar e existir, pela práxis corajosa recriada a cada dia.

Com a pesquisa de Sabrina da Silva Lemos, outros caminhos se abrem para outros/as pesquisadores/as da aldeia de Irajá, para além de contar suas histórias, possam registrar as suas práticas, memórias, culturas e experiências.

Paz e Bem!

Ozirlei Teresa Marcilino